

# JORNAL DA FAMÍLIA

*Senhores da paleta e da  
palavra, viveram para a sua arte.  
No dia-a-dia eram assim.*



Discutida, elogiada ou atacada, a obra destes grandes artistas — Graciliano, José Lins, Condé, Portinari e Ivan Serpa — marcou, em diferentes momentos, pontos altos na cultura brasileira. Alguns anos após a morte desses escritores e pintores, já é possível situar serenamente suas obras, para além das posições pessoais, no quadro da nossa vida espiritual. Mas por trás dessas obras, e dos nomes que as assinam, permanecem escondidos os homens que as criaram: no seu dia-a-dia, com seus hábitos particulares, suas características, inesquecíveis para os que com eles conviveram. Melhor do que ninguém, suas viúvas podem desenhar para nós os traços humanos que os tornaram inconfundíveis.

nossa vida em comum, numa tentativa de recompor aqueles anos vividos juntos, dele encontro uma grande e imensa queixa: a de não ter podido levar-me na única viagem que fez sem mim — aquela terrível, que não tem volta — abrindo-me o caminho da solidão e dando-me a dimensão do só. Deixando-me, apenas, a certeza de poder afirmar que fomos felizes, graças ao que tenho uma grande bagagem de forças para tocar para a frente.

Maria Luisa Condé

acontecimento histórico fluentemente, mas o fazia não de uma forma didática e sim como se ele estivesse presentemente no acontecimento ou mesmo tivesse tomado parte ativa. E geografia? Matéria que sempre detestei, quantas das vezes, enquanto ele pintava, eu ajudava nossos filhos em trabalhos escolares e, na hora dos mapas, enquanto eu ficava quase doida para localizar um local qualquer da África ou Ásia, ele de longe apontava e dizia "deve ser mais ou menos aqui", e não dava outra coisa. E o professor de pintura? Melhor fariam seus próprios alunos.

O pai? Sim, talvez a sua qualidade mais humana. ele foi como um pai para vários